



Dois cômodos para uma família



Embrião: saída ou novo problema

## Moradias: os embriões substituem os barracos ?

— Morar? Aqui a gente está emolado como cachorro". É o desabafo de Iolanda Shultz, que vive com sete filhos e o marido, encostado pelo Inamps, em um dos embriões da Cohab, no Bairro José Anchieta. Nada mais que um cômodo com quase 18 metros quadrados, cozinha minúscula e mais nada. Mas dona Iolanda ainda é feliz, pois estaria mais "emolada ainda se fosse residir em um dos 440 novos embriões do Bairro das Flores, em Carapina e que são exatamente a metade de sua "casa". Um cômodo de 10 metros quadrados, com um banheiro de quase meio-metro, conjugado, e telhas comuns.

Os embriões já estão praticamente construídos, com custo aproximado de 15 milhões. Falta apenas a infra-estrutura do local: água, que custará Cr\$ 10 milhões e está sendo instalada, energia elétrica, esgotos e, possivelmente, calçamento. Tudo para ser entregue em setembro deste ano. Dona Iolanda, que mora em um embrião que é exatamente o dobro em tamanho dos que deverão ser inaugurados, considera impossível viver num espaço menor que o seu e não entende como podem ter construído casas menores. Mas é um fato, a Cohab considera normal os tamanhos da residência, embora determine um espaço mínimo para moradia com 32 m<sup>2</sup>, e diz que o problema não é seu: "É social", afirmam seus assessores.

O Bairro das Flores dista sete quilômetros da BR-101 Norte (cinco depois do Bairro Laranjeiras), dos quais três ainda não estão pavimentados. Além dos 440 mini-embriões, terá mais 795 residências e blocos de apartamentos. Como residências são entendidas as moradias do tamanho da casa de dona Iolanda e outras com até dois quartos. Os embriões estão sendo construídos pela Engecor, enquanto as demais, pela Construtora Marajá. Os embriões têm uma janela de madeira rústica, apenas uma, uma única porta, banheiro separado, um tanque, piso de cimento, diversos "respiradouros" e telhado comum. Pode até suportar lage, conforme anunciam os programas governamentais, mas não parece construído com essa finalidade. O custo da obra da Construtora Marajá é de Cr\$ 73.820.476,20 e o local foi denominado Conjunto Pedro Feu Rosa.

Quem vai morar nos novos embriões, segundo as autoridades, são pessoas de baixa renda, na faixa de zero até três salários mínimos. Se a família tem 4, 7 ou dez membros, é um problema que não preocupa a Cohab e que, a bem da verdade, não é, teoricamente, de sua competência. Conforme explica a assessoria de comunicação do órgão, a Cohab só constrói, o problema social não é de sua competência. Existe a Secretaria de Bem Estar Social, que, pelo menos até agora, não vem resolvendo nada e ao que tudo indica não irá resolver nos novos 440 os pro-

blemas de promiscuidade, sujeira, doença e outros.

Não fosse assim e dona Iolanda não estaria, conforme ela mesmo informa, há mais de um ano como cachorro. Ela tem sete filhos (Walter, Eualto, Waldete, Wagner, Wanilde, Wanessa e Walker), o mais velho com 13 anos — sem trabalhar —, e mais um no ventre. Seu marido, José Schultz, doente há um ano, recebe Cr\$ 2.500,00 pelo Inamps e anda à cata de biscates para sobreviver. Ela se desdobra lavando roupas e cuidando das crianças. E, com essa atividade, perdeu o banheiro da casa, transformando-o em lavanderia. Assim dormem ela, o marido e as sete crianças na mesma sala, que é também cozinha e, para as crianças, banheiro. Uma única cama serve também de sofá e para as crianças sentarem-se para comer.

Em volta da casa ela plantou árvores. Foi a maneira que encontrou para evitar que no futuro qualquer vendaval a destelhe, deixando-a ao relento. A janela não pode ser aberta, pois o vento acabaria com a sua rústica louça. Ela é o que se acredita a feliz proprietária de um lote urbanizado já entregue com um embrião. Paga Cr\$ 400,00 pelo direito de residir num "conjunto habitacional" e o dinheiro mal dá para que se subalimentem. Ela faz parte da chamada população de baixa renda que o Banco Nacional da Habitação pretende atingir com o projeto "embrião". Em princípio uma construção destinada a ser ampliada pelos próprios moradores, mediante financiamento de material por parte das Cohabs e utilizando-se o processo de mutirão para a mão-de-obra.

Os financiamentos existem, na Cohab existe um setor destinado a um piso, onde os mutuários terão direito de adquirir material para ampliar seus embriões. Mas dona Iolanda, por exemplo, um ano depois só conseguiu aumentar o número de filhos (Walker tem seis meses) e vai ampliá-lo, agora, para oito. Desconhecia, como a maioria dos moradores nos embriões já habitados nos bairros da Serra, que houve uma linha de crédito individual — estimada em Cr\$ 50 mil —, para que ampliasse a sua residência e melhorasse suas condições de vida. Assim, um ano depois, ela continua do mesmo jeito. E diz ainda que de nada adiantaria o financiamento, pois, como iria pagá-lo, se não tem dinheiro nem para comer direito e alimentar os filhos? E ela entende também que não há muito interesse nesse financiamento, pois ninguém lhe informou nada, nunca foi procurada por ninguém e hoje, um ano depois, vive num barraco imundo. Com uma dirença: é de alvenaria e num conjunto da Cohab.

Em piores condições estarão outros trabalhadores de baixa renda, premiados com as "casas" do Bairro das Flores. Isso porque seus imóveis serão menores que os de dona Iolanda.